

“The university today,
very different from
my time”: memories
and teaching of Mariza
Miranda, a university
professor from Rio
Grande do Norte

“La universidad hoy, muy
diferente a mi época”:
recuerdos y enseñanza
de Mariza Miranda,
profesora universitaria de
Rio Grande do Norte

Abstract

The article aims to characterize aspects of Higher Education in History in Rio Grande do Norte and working conditions in higher education through the analysis of the professional trajectory, memory records and traces of lesson planning produced by Mariza Miranda, a retired teacher at the History course at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). For this, the concept of Sociability Network (SIRINELLI, 2003, p. 231-269) were mobilized, and interviews with Mariza Miranda and the course programs produced by the teacher. Traces of the teacher's experiences and content selection options were identified that were representative of the working conditions in university teaching in the 1960s, 1970s and 1980s in the state.

Keywords: Mariza Miranda; UFRN; History of Higher Education; Teaching Trajectories.

Resumen

El artículo tiene como objetivo caracterizar aspectos de la Educación Superior en Historia en Rio Grande do Norte y las condiciones de trabajo en la educación superior a través del análisis de la trayectoria profesional, registros de memoria y huellas de planificación de clases producidos por Mariza Miranda, profesora jubilada de la carrera de Historia de la Universidad de Rio Grande do Norte. la Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN). Para ello, se movilizó lo concepto de Red de Sociabilidad (SIRINELLI, 2003, p. 231-269), y se entrevistaron a Mariza Miranda y los programas de los cursos elaborados por la profesora, entre 1964 y 1967. Se identificaron huellas de las experiencias de la docente y de opciones de selección de contenidos que eran representativas de las condiciones de trabajo en la docencia universitaria en los años 1960, 1970 y 1980 en el estado.

Palabras clave: Mariza Miranda; UFRN; Historia de la Educación Superior; Trayectorias docentes.



O ano era 2006. Naquela ocasião, estudantes, funcionários e professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) se mobilizaram para organizar um evento comemorativo da efeméride de 50 anos de existência do Curso de História desta universidade. Entre os convidados estavam diversos professores aposentados e seus representantes, que fizeram parte desta trajetória de cinco décadas do espaço de formação superior. Mariza Moura de Miranda estava entre eles. Sua vida e carreira profissional se confundiam com a história do Curso. Tinha vinte e quatro anos quando foi aprovada no vestibular para o Curso Superior de História.

E foi nesta graduação que aprendeu os conhecimentos, as habilidades, e estabeleceu as relações que possibilitaram que ela tivesse um ofício: o de professora de Ensino Superior, naquele mesmo Curso onde se formou. Depois de vinte e seis anos de dedicação a este nobre ofício, aposentou-se, e do Curso de História levou consigo memória e amizades. Mas passaram-se dezessete anos desde a aposentadoria, e a Universidade foi tornando-se uma memória cada vez mais distante, quando recebeu o convite para participar da solenidade dos 50 anos do Curso de História da UFRN. Após anos de afastamento, ela se reaproximou dos novos professores, entre outros novos integrantes daquele espaço institucional. Expectativas foram criadas de que aquela aproximação perdurasse em novos projetos, mas estas tiveram curta duração. Nas palavras de Mariza Miranda:

A gente foi convidado um tempo desse que teve uma solenidade por conta dos 50 anos da universidade, fomos lá, teve uma abertura bonita, fizeram menção aos professores aposentados, mas ficou nisso, não teve mais nada. Ficaram de procurar a gente, [...] mas não houve procura nenhuma [...] *a universidade hoje, muito diferente do meu tempo* [grifo meu], num tem mais ninguém do meu tempo, todo mundo de fora, todo mundo diferente, eu não tenho contato com eles (MIRANDA, 2018, p. 10-12).

É possível imaginar a alegria de uma profissional que lecionou por décadas ao ter a sua contribuição para a trajetória do Curso de História lembrada. Porém, a maneira como a historiadora relatou aquela si-



tuação apontou certa decepção. Este relato ocorreu em 2018 quando, novamente, estudantes ligados ao Curso de História a procuraram para uma entrevista, como parte das atividades de um novo contexto celebrativo, desta vez os 60 anos do Curso de História. As palavras de Mariza Miranda me fizeram refletir. Estamos valorizando o legado dos profissionais que participaram da estruturação de um espaço de ensino que formou e forma tantos professores de História para o Rio Grande do Norte? Que lições sobre o ser mulher e professora universitária as memórias de Mariza Miranda têm a nos oferecer? Que hipóteses sobre o ensino superior de História no Rio Grande do Norte os vestígios de sua prática docente têm a suscitar? O presente artigo foi fruto de minha busca por sanar, em alguma medida, estas dúvidas.

Com este texto, tive o objetivo de investigar aspectos biográficos, da formação superior, das ideias referentes ao ensino, das condições de trabalho e das vivências de Mariza Miranda, ex-aluna e professora aposentada do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para esta análise, busquei caracterizar a representação de si e do espaço institucional do Curso de História presente nos registros memorialísticos desta intelectual, assim como identificar elementos de perspectivas históricas identificáveis nos documentos programáticos produzidos pela professora. Esta pesquisa se inseriu na área de estudos sobre a História do Ensino Superior de História e na área de História dos Intelectuais. Organizei o texto em duas partes. Na primeira, sistematizei os dados encontrados quanto à trajetória de formação e de atuação profissional de Mariza Miranda, em diálogo com os seus registros de memória, e, na segunda, perscrutei os programas de curso elaborados por ela enquanto professora no Curso de História.

Memórias e a trajetória de formação e profissional de Mariza Miranda

Mariza Moura de Miranda nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 17 de novembro de 1936. Quanto à formação no Ensino Básico, cursou o Ginásio entre 1950 e 1953 e o Colegial entre 1954 e 1956 (MIRANDA, 2018, p. 4). Ingressou na Graduação em História



da Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN),¹ através de vestibular, em 1960, e formou-se em 1963. Neste ano, Mariza Miranda assumiu a função de professora do mesmo Curso, e permaneceu por mais de duas décadas, até sua aposentadoria, em 1989 (NOBRE, 2022b, p. 136). Algumas de suas recordações sobre este período como docente foram registradas e colaboraram na produção de uma representação institucional do Curso de História, por meio de entrevistas feitas com ela e com alguns de seus colegas contemporâneos, através de iniciativas institucionais ligadas a este Curso.² Por meio destes relatos, pode-se estabelecer traços da vivência compartilhada por Mariza Miranda, da docência superior em História, no Rio Grande do Norte, nas décadas de 1960, 1970 e 1980.³

Todo ato consciente e organizado de emprego de energia sobre uma matéria, física ou simbólica, com uma finalidade, pode produzir um espaço, através de sua representação, pois a linguagem é topológica, ao distribuir os conceitos no espaço cultural (LEFEBVRE, 2013). Deste modo, Mariza Miranda, assim como os demais entrevistados, articulou suas recordações e perspectivas para representar o espaço do Curso de História da UFRN, as próprias contribuições para este Curso, e as próprias trajetórias, e registrá-las em meios institucionais.

Mariza Miranda ocupou a Cadeira de História Antiga a partir de sua criação, que ocorreu na ocasião de uma reforma que expandiu o currículo do Curso. João Wilson Melo, que foi professor de Mariza Miranda e seu colega nos quadros do Curso de História, relatou a própria contribuição para esta expansão:

- 1 O Curso de História, no início de suas aulas, em 1957, estava integrado à Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN), instituição que, em 1962, teve seu nome mudado para Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal (FFCL). Em 1968, os cursos desta instituição foram atrelados à UFRN (NOBRE, 2022a, p. 96).
- 2 “Em 2006 e em 2018, nas datas em que foram comemorados os 50 e 60 anos de sua existência, foram produzidas, transcritas e arquivadas, de maneira institucional, entrevistas com alguns professores que atuaram ou que foram formados no Curso de História [da UFRN] [...] Ao todo, foram feitas, com professores, seis entrevistas em 2006, e oito entrevistas, em 2018” (NOBRE, 2022b, p. 134-135).
- 3 Estas entrevistas estão arquivadas no DVD 50 anos de História (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006), localizado na Divisão de Documentação do Departamento de História da UFRN e no acervo do Laboratório de História Oral da UFRN (LABHO).



Quando saiu a primeira turma de historiadores, eu propus à Congregação (eu era vice-diretor da Faculdade e o diretor era Professor Edgar Barbosa) que essa disciplina “Antiguidade e Idade Média” fosse desdobrada em três: Introdução ao Estudo da História, História da Antiguidade e História da Idade Média [...]. Indiquei dois ex-alunos para História da Antiguidade e História da Idade Média, dois ex-alunos que depois passaram a ser meus colegas, foram para a Universidade comigo, fomos colegas universitários e hoje somos colegas aposentados: a professora Mariza Moura e o professor Cláudio Augusto Pinto Galvão (MELO, 2006, p. 4-5).

Já Cláudio Galvão, colega contemporâneo a Mariza Miranda, também descreveu este processo de composição do corpo docente: “Ele [João Wilson] tinha sido meu professor, e tinha acompanhado meu trabalho, então ele me indicou porque ele tinha alguma esperança que eu pudesse está certo” (GALVÃO, 2018, p. 4). Deste modo, nota-se que as relações estabelecidas enquanto alunos da graduação foram salutares para obter a indicação de um professor que atuava a mais tempo, e este era um meio comum de acesso à docência superior naquele período. Relações de proximidade e influência entre intelectuais podem ser analisadas para caracterizar os elementos do microclima da rede de sociabilidade na qual estão inseridos (SIRINELLI, 2003, p. 240) As redes tecidas entre os intelectuais envolvidos no ensino no Curso de História, como João Wilson Melo, compunham a sociabilidade cuja participação, e um bom posicionamento, foram fundamentais na progressão da carreira universitária.

Com a formação das primeiras turmas de graduados em História, dentre as quais Mariza Miranda fez parte, estes profissionais estavam aptos a ocupar os novos postos de trabalho gerados por aquela expansão curricular. Ela também relatou sua indicação⁴ para lecionar no Curso da seguinte maneira:

4 De modo oficial, a exclusividade do concurso público como meio para ingresso no corpo docente dos cursos superiores da UFRN ocorreu a partir de 1987 (Ministério da Educação, 1987).



Eu ainda era aluna, terminando o curso de História, um dos professores, Dr. João Wilson Mendes Melo, [...] resolveu dividir a cadeira, [...] eu já era professora, já ensinava, aí passei pra Universidade, não tinha... teve concurso, se você tá perguntando isso, não houve concurso, aí eu fiquei com História Antiga desde esse tempo (MIRANDA, 2018, p. 4-5).

Não foram encontrados dados sobre as instituições de Ensino Básico nas quais ela atuou, porém, através de seus dizeres, foi possível identificar que apesar de ainda não ter concluído a graduação em História no momento que foi convidada para lecionar História Antiga, tinha experiência com o Ensino Básico, e que, provavelmente, ela considerava que esta vivência prévia lhe conferiu habilidades necessárias para assumir a nova função, e que este pode ter sido um critério para sua indicação. As aulas do Curso de História ocorriam no prédio que pertencia a Associação de Professores do Rio Grande do Norte, no centro de Natal, junto aos outros cursos da área de Ciências Humanas, desde o início das aulas em 1957 até 1974, quando o Curso foi transferido para o Campus da UFRN, numa região mais periférica da cidade (CALADO; MELO, 2019, p. 339).

A transferência dos cursos dos diferentes centros e departamentos da UFRN para o campus foi uma medida para promoção da integração entre as áreas dos estudos universitários por meio da proximidade física dos espaços de ensino. Porém, um dos impactos desta mudança foi a dificuldade de acesso ao novo local das aulas, pois, nas décadas de 1970 e 1980, a urbanização de Natal ainda estava num estágio no qual a localização da UFRN era ainda afastada dos centros mais povoados. O temor da violência se colocou como um novo desafio, especialmente para as alunas e professoras mulheres. Mariza Miranda citou em entrevista as estratégias que adotava para lidar com esta dificuldade:

[Wicliffe Costa, docente contemporâneo de Mariza Miranda] me deu muita carona, que eu morava perto dele, quando eu vinha aqui [...] ele me levava e me trazia, porque eu não gostava de dirigir de noite, era muito deserto aquilo ali, hoje em dia ainda é né? Mas,



hoje tem muita construção, aquele tempo tinha mais... era mais deserto. Ai ele também ensinava de noite a gente aproveitava (MIRANDA, 2018, p. 11).

Desta forma, buscar apoio entre os colegas, como no exemplo das caronas, era uma das maneiras de lidar com a insegurança no deslocamento entre o centro urbano de Natal e o campus, naquele período. A instalação do Campus Universitário era parte de um conjunto de medidas de nível federal que visavam modernizar as universidades públicas do país. Outra medida deste mesmo processo foi a distribuição de bolsas de auxílio financeiro⁵ para que os professores universitários pudessem cursar pós-graduação em outros estados, em casos em que não existissem cursos deste nível no estado local, o que era o caso do Rio Grande do Norte na década de 1970.⁶ Mariza Miranda esteve entre os docentes de História que aproveitaram esta oportunidade para se especializar, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE):

Entrevistadora 1: O seu mestrado é em que área, professora Mariza?

Entrevistada - Professora Mariza: História Antiga [ênfatisa], é, eu fiz o mestrado em Recife, com o professor Armando Souto Maior, foi. Eu tenho até aqui, Mestrado foi... deixa eu ver, em setenta e quatro [...] defendi tese em oitenta e dois... aí eu fiquei indo pra orientação com ele, e a minha tese foi Aristóфанes...é... é... O Histórico no Teatro de Aristóфанes (MIRANDA, 2018, p. 6).

Ou seja, a professora optou por pesquisar algum tema que tivesse relação com os conteúdos ensinados em suas aulas, deste modo, ela provavelmente tinha uma perspectiva da pesquisa como

5 “Resolução nº 135/75 – CONSEPE: Fixa normas para concessão de bolsas de estudos e auxílio-viagem nos Cursos de Pós-Graduação. Terão prioridade na alocação de bolsas os docentes: I – sem titulação a nível de Pós-Graduação, obedecendo a seguinte ordem: Auxiliar de Ensino, Professores Assistentes, Adjunto e Titular” (CALADO; MELO, 2019, p. 395-396).

6 O Programa de Pós-Graduação em História da UFRN passou a oferecer o Curso de Mestrado a partir de 2005 (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006).



um meio para aperfeiçoar-se no ensino. Um indício de que o seguimento na pesquisa na área de História Antiga foi uma opção de Mariza Miranda foi o fato de que, no mesmo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, num período próximo, outra colega docente, Marlene Mariz, também cursou mestrado, porém, com pesquisa sobre outra temática: “Quando eu terminei a especialização, aí surgiu o mestrado de História que estava havendo em Recife [...] minha dissertação de mestrado foi sobre a Revolução de 30 aqui no Rio Grande do Norte” (MARIZ, 2018, p. 1).

O intervalo de tempo entre o início de seu Curso de Mestrado e a finalização foi de oito anos, indício de que a obtenção desta titulação foi permeada por desafios. Nas palavras da intelectual, ao afirmar que “ficou indo para a orientação com ele”, nota-se que ela residia e trabalhava no Rio Grande do Norte enquanto fazia viagens constantes para Recife, para as reuniões de orientação. Diante deste relato, é provável que um dos obstáculos que atrasou a conclusão da pós-graduação foi o desgaste provocado por estas viagens. O desafio de dividir sua atenção entre demandas pessoais e profissionais também foi citado por Mariza Miranda na entrevista, ao ser questionada sobre a conclusão de seu Mestrado:

Eu defendi e me casei, fui me embora, foi a agonia maior do mundo da minha vida... ainda pra orientação e já...já com tudo arrumado pra me casar... eu defendi... eu acho que eu tenho até aqui quer ver, [conclusão do Mestrado] em três de junho de oitenta e dois, e casei em trinta de agosto... foi assim, uma coisa em cima da outra, não sei como eu não enlouqueci [risos] (MIRANDA, 2018, p. 6).

Deste modo, a professora enfatizou em sua representação de si que o atraso na conclusão do Mestrado estava ligado a dificuldades fora de seu controle, mas que, apesar disto, foram superadas. Quanto maiores os percalços descritos em seu caminho de aperfeiçoamento acadêmico, mais o discurso memorialístico de Miranda enfatizou o seu mérito na conquista do título. Diversas professoras mulheres contemporâneas a Mariza Miranda relataram em suas



entrevistas adversidades ligadas às demandas da vida pessoal que impediram ou dificultaram seus objetivos de continuidade nos estudos. Um exemplo disto foi a professora Marlene Mariz, que, ao contar sua experiência no seu Curso de Mestrado, também na UFPE, relatou, em tom de aconselhamento:

Uma coisa que eu aconselho *a vocês*. [grifo da fonte], vocês continuarem os estudos: terminou o mestrado, óh, mergulhem no doutorado, porque se não passa, aí você vai mastigar, mastigar e não vai mais. Então foi o que aconteceu comigo. Eu fui fazer em Pernambuco porque ficava perto daqui. Eu era casada e tinha três filhos. Eu tinha uma secretária muito boa, que eu viajava no domingo de meia-noite, voltava na sexta-feira e ela dava conta. E chegava no sábado era tanta coisa pra eu resolver. E lá a gente morava num hotel, deixava a bagagem lá, tudo. Então, eu fui mais por isso, porque era perto, eu podia vir pra casa toda semana (MARIZ, 2018, p. 10).

Ou seja, de acordo com Marlene Mariz, as responsabilidades de esposa e mãe tornavam mais desafiante sua rotina de estudos, e precisar fazer viagens contínuas era um agravante, mas que, apesar disto, ela obteve êxito. Ao explicar que não chegou a cursar o Doutorado, afirmou:

Quando surgiu o doutorado em Pernambuco, eu já estava querendo me aposentar [...] Mas eu vou fazer porque? Só por diletantismo? Minha filha estava às vésperas de casar. Não, já tinha casado; estava às vésperas de ter menino. E eu não tinha coragem de sair assim (MARIZ, 2018, p. 10).

Ela disse isso após descrever os desafios de cursar o Mestrado em Recife enquanto mãe, esposa e dona de casa. Desse modo, buscou justificar-se pelo seu desejo de estar mais presente na vida da filha e do neto e se dedicar a vida pessoal depois de décadas de dedicação à vida acadêmica, ao trabalho e estudos. Outra entrevistada que também citou algo similar foi Maria Leneide Oliveira, que, ao



explicar as causas de ter optado pela aposentadoria antes de cursar o Doutorado, contou:

Eu me aposentei, acho, que com 40 anos, 41, tem que fazer a conta [risos]. Porque eu não confiava em deixar meus filhos com empregada, com babá nunca deixei uma babá dar um banho em um filho meu, botar para dormir, trocar uma fralda, se lavasse a mamadeira, antes de usar eu lavava, [...] eu sou a primeira mestra do departamento de história. E pronto, e cheguei, depois é que eu conheci Paulo [seu marido] em 1984 e comecei a ter menino e pronto, já viu né? (OLIVEIRA, 2018, P. 5-6)

Deste modo, foi perceptível que os desafios enfrentados por Mariza Miranda para equilibrar as demandas pessoais e ainda progredir em seus estudos de aperfeiçoamento foram compartilhados por suas colegas professoras do Curso de História contemporâneas a ela. Outros professores homens também cursaram a Pós-Graduação em período próximo e também fora do Rio Grande do Norte, como os professores Cláudio Galvão (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2023a) e Wicliffe Costa (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2023b), porém, ao contrário das suas colegas mulheres, eles não citaram dificuldades ligadas a demandas pessoais e familiares para a conclusão destes cursos nas entrevistas. Isto foi um indício de que as pressões sociais quanto ao papel familiar das mulheres profissionais do Ensino Superior impactaram suas carreiras de maneira significativa, e que os registros memorialísticos de Mariza Miranda e colegas foram representativos desta realidade.

Um conjunto dentre os entrevistados consultados foi caracterizado como Geração de 1976, e um dos aspectos notados nas suas memórias foi o destaque dado ao esforço para a continuidade nos estudos a nível de Pós-Graduação, para valorizar a narrativa de suas trajetórias na memória institucional. O quase esquecimento da participação e contribuição de entes deste grupo nas ocasiões das entrevistas (2006 e 2018) e o questionamento do mérito deles por outros docentes que entraram no Departamento de História num



período posterior, foram explicações para esta opção dos entrevistados por destacar seus desafios na carreira e como os superaram (NOBRE, 2022a, p. 106-107). Provavelmente, Mariza Miranda, como professora contemporânea destes profissionais e entrevistada num contexto similar, também teve motivações semelhantes ao narrar a própria trajetória nas memórias. Por outro lado, suas tendências históricas no planejamento do ensino puderam ser analisadas através dos programas de curso produzidos por Mariza Miranda.

Planejamento do ensino de História Antiga por Mariza Miranda

Os programas de curso dos componentes curriculares do Curso de História foram fontes salubres na investigação de aspectos do ensino pensado por seus professores, como as suas prioridades e os pontos de vista considerados mais ou menos relevantes para interpretar os fatos históricos. Além disto, estes documentos eram avaliados e aprovados pelo corpo docente, inicialmente pela Congregação de Professores do Curso (Ata da quarta sessão extraordinária da Congregação dos Professores da Faculdade de Filosofia, 1957), e, depois, pelo seu Colegiado,⁷ logo, representam um ideal de formação superior compartilhado pela rede de sociabilidade dos lentes. A análise comparada dos documentos programáticos produzidos pelos diferentes professores exprimiu traços do microclima que permeava a práxis pedagógica dos entes da mesma rede, e como cada elemento influenciou as escolhas destes intelectuais e perspectivas adotadas dentro desta sociabilidade, de acordo com a definição de Sirinelli (SIRINELLI, 2003). Atualmente, esta documentação está no Arquivo Geral da UFRN, e disponível em um acervo digital.⁸ A documentação programática do Curso de História, pro-



7 O Decreto-Lei nº 252/67 determinou a organização das unidades universitárias federais em departamentos, sob a coordenação didática de colegiados compostos por representantes e docentes dos cursos, e este orientou modificações no Estatuto da UFRN a partir de 1968 (CALADO; MELO, 2019, p. 225).

8 A documentação está arquivada no portal do Repositório de História e Memória da Educação (RHISME), organizado pelo Laboratório de História e Memória da Educação, vinculado ao Centro de Educação da UFRN, disponível em: <<http://www.lahmed.ce.ufrn.br>> (Acesso em: 25 abr. 2023).

duzida nas décadas de 1960 e 1970, consistia, de modo geral, em listas de conteúdos a serem abordados nas aulas, organizados em tópicos, compostos por palavras-chaves, e divididos em unidades. Os dois programas de Mariza Miranda encontrados apresentavam estas características.

Existe, no Brasil, uma tradição histórica que norteia os saberes que se espera que sejam ensinados em cada área da História. Isto foi um legado da influência das orientações ao ensino de escolas de todo país, estabelecidas por instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Colégio Pedro II, que, para atender demandas do Estado, no Império e na República, constituíram uma tradição histórica nacional, para incutir e fortalecer um senso de identidade comum na sociedade do Brasil (ROMERO, 2013). Porém, dentro desse recorte amplo mais rígido, há um corte mais específico e mais flexível, de quais questões dentro desses temas gerais professores como Mariza Miranda optaram por ressaltar ou não ao planejar os conteúdos de suas aulas.

Do componente curricular de História Antiga, foram encontrados dois programas, dos anos letivos de 1964 e de 1967, ou seja, um do ano imediatamente seguinte ao que ela assumiu a cátedra, e o outro de alguns anos depois. Para identificar as características em documentos programáticos, foi necessário atentar para sutilezas. O uso das palavras-chave “político”, “social”, “cultural” e “econômico”, ou similares, nos tópicos referentes aos temas, foi indício de qual aspecto do fato histórico o docente pretendia destacar em sua abordagem.⁹

Foram quantificados como termos da História Política “política”, “aspectos políticos”, assim como nomes de sistemas políticos, de guerras ou batalhas, de fatos ou documentos administrativos, e citações a indivíduos de liderança política. Já as citações diretas às palavras-chave “cultura”, “aspectos culturais”, “filosofia”, “arte”, “religião”, “legado”, e termos similares, foram quantificados como termos da História Cultural. Já os termos “sociedade” e “aspectos sociais”, ficaram na coluna de História Social e “economia” e “as-

9 Adapteí a metodologia empregada por Erinaldo Cavalcanti (2022) de análise das ementas de disciplinas relacionadas ao Ensino de História e projetos político pedagógicos de cursos de Licenciatura em História de universidades federais.



pectos econômicos”, na coluna de História Econômica. Estes dados foram organizados no Quadro 1:

Quadro 1. Número de citações a termos ligados às áreas do conhecimento histórico nos programas das cadeiras de História Antiga (1964 e 1967)

Cadeira	Ano	Docente	H. Política	H. Econômica	H. Social	H. Cultural
História Antiga	1964	Mariza Miranda	20	12	13	41
História Antiga	1967	Mariza Miranda	3	0	0	1

Fonte: Dados organizados a partir dos programas de curso referentes a 1964 (Programa da Cadeira de História da Antiguidade, 1964) e 1967 (Ministério da Educação e Cultura, 1972.)

No programa de 1964, foi notável a predominância da História Cultural nas intenções que permearam o planejamento do componente de História Antiga. Provavelmente esta opção por enfatizar no documento sua pretensão em discutir a cultura dos povos estudados foi resultado da maior atenção dada ao legado cultural das sociedades, e isso se refletiu em escolhas de planejamento. Outros professores que atuaram no Curso no mesmo período, como Tarcísio Medeiros, Hélio Dantas e Alberto Medeiros, produziram planos de curso aos quais, analisados pelo mesmo critério, apresentaram predominância de termos relacionados à História Política na relação de conteúdos (NOBRE, 2023, p. 102). Esta diversidade indicou a autonomia docente dentre os quadros da instituição para a seleção e o recorte de temáticas e abordagens.

Mariza Miranda, ao produzir o documento programático, optou por especificar quais aspectos de cada sociedade citada pretendeu abordar nos tópicos temáticos, utilizando palavras-chave como “aspectos sociais” ou “aspectos econômicos”, por exemplo, junto ao nome da sociedade apresentada em cada tópico. Desse modo, a frequência com a qual ela citou estes termos foi quantificada para mapear suas opções em sua seleção de conteúdos. Isto indicou que, no planejamento de Mariza Miranda, ensinar sobre os povos e fatos por uma abordagem ampla foi uma das suas prioridades. Um exemplo dessa organização do programa foi a parte na qual ela apontou como tencionou abordar a História dos povos do Crescente Fértil:

8. Civilização egípcia; aspectos políticos, sociais, econômicos, religiosos, artísticos e intelectuais.
9. Civilização caldaico-assíria; aspectos políticos, sociais, econômicos, religiosos, artísticos e intelectuais.
10. Civilização Hebraica; aspectos políticos, sociais, econômicos, religiosos, artísticos e intelectuais. (Programa da Cadeira de História da Antiguidade, 1964, p. 1)

O padrão notado nos pontos oitavo ao décimo do programa se repetem mais algumas vezes ao citar diferentes temas históricos ao longo de todo documento. Quanto a História Clássica, no programa de 1964, repetidas vezes, os pontos que apresentavam a sociedade a ser estudada e que enumeraram aspectos gerais a serem abordados foram acompanhados de tópicos extras, que se detinham em questões mais específicas da área de estudos da Política. Um exemplo disso foi que enquanto cada sociedade do Crescente Fértil teve um tópico dedicada a ela no plano de curso, apenas a fase arcaica da Grécia Antiga teve quatro tópicos sobre seus temas:

22. Grécia Arcaica: aspectos políticos, sociais e econômicos.
23. Grécia Arcaica: Aspectos religiosos, artísticos e intelectuais.
24. Cidade-Estado grega: Esparta e Atenas.
25. As Guerras Pérsicas. O século de Péricles (Programa da Cadeira de História da Antiguidade, 1964, p. 2)

Desse modo, os temas ligados à Antiguidade Clássica tiveram mais tópicos no programa do que os demais períodos do recorte da cadeira. Além disso, a área política foi uma das mais frequentes do programa, atrás apenas da História Cultural. Foi notável também que a dita Antiguidade Clássica (sobre Grécia e Roma na Idade Antiga) foi a que mais teve a política privilegiada. Como já citado, a cátedra responsável por ensinar História Antiga anteriormente era a de História da Antiguidade e Idade Média, assumida pelo professor João Wilson Melo. Ao perscrutar o programa de curso deste componente e quantificar e categorizar as palavras-chave em seus tópicos de conteúdo, foi possível notar certas similaridades com os programas de Mariza Miranda. Estes dados estão organizados no Quadro 2:

Quadro 2. Número de citações a termos ligados às áreas do conhecimento histórico no programa das cadeira de História da Antiguidade e Idade Média (1962)

Cadeira	Ano	Docente	H. Política	H. Econômica	H. Social	H. Cultural
História da Antiguidade e Idade Média	1962	João Wilson Melo	20	8	9	33

Fonte: Dados presentes no Programa de Curso de História da Antiguidade e Idade Média, referente ao ano letivo de 1962 (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1961).

O programa de curso de João Wilson Melo foi analisado pelos mesmos critérios dos dois documentos programáticos de Mariza Miranda, e apresentou proporção similar entre a História Cultural, predominante, a História Política, a segunda mais citada e as outras duas áreas, menos aparentes. Esta foi uma evidência de que algumas opções de perspectiva histórica de João Wilson Melo podem ter sido referência para Mariza Miranda, como a busca por se aprofundar em questões que abrangessem camadas mais amplas dos povos estudados, como os hábitos populares que se manifestaram na cultura. Não é difícil imaginar que Miranda, que tinha assumido recentemente a Cadeira de História Antiga, tomou suas memórias de estudante da graduação para reapropriar o que considerou mais positivo nas escolhas de conteúdo do professor do correspondente a Cadeira que ela então ocupava. Esta reapropriação pode ser entendida como uma forma como as práticas docentes de um professor, nesse caso João Wilson Melo, se consolidaram como um legado para a perspectiva compartilhada do Curso de História.

Porém, Mariza Miranda não se limitou a repetir as escolhas do seu antecessor. Diante da comparação entre os dados do programa de 1964, no Quadro 1, e o de Antiguidade e Idade Média, no Quadro 2, nota-se que, proporcionalmente, a quantidade de citações aos termos relacionados à História Política representou cerca de dois terços do número de citações a termos ligados a História Cultural, no programa de História da Antiguidade e Idade Média de 1962. Já no documento produzido por Miranda em 1967, a proporção de citação à História Política foi o dobro de História Cultural.

Ou seja, termos como “monarquia”, “império”, “república” e nomes de batalhas e guerras foram mais presentes no documento da professora. Ou seja, a tendência de Mariza Miranda não foi excluir os temas ligados à política, e nem os ligados à cultura. Outros professores que foram formadores de Mariza Miranda em seu período na graduação, como Tarcísio Medeiros e Hélio Dantas, fizeram a opção por privilegiar a temática política na seleção de conteúdos (NOBRE, 2023, p. 102), e suas influências podem ter sido um legado reapropriado por Mariza Miranda. Estes docentes, assim como João Wilson Melo, integraram junto a ela a rede de sociabilidade dos intelectuais potiguares que atuaram na docência superior. Através dos elos de concordância, discordância, proximidade e distanciamento, entre entes de diferentes gerações dentro de uma mesma rede, alguns elementos do microclima podem se propagar de diferentes maneiras (SIRINELLI, 2003, p. 231-269).

Tarcísio Medeiros, por exemplo, apresentou perspectivas historiográficas alinhadas às demandas de instituições às quais pertencia, que prezavam pela abordagem mais política da História, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (NOBRE, 2021), e provavelmente isto teve ressonâncias na atuação de sua ex-aluno e posterior colega no ensino. Mas essa influência foi dinâmica no decorrer da trajetória de Mariza Miranda, como foi observável na mudança de privilégio de política ou cultura na abordagem histórica desta intelectual em sua escolha de conteúdo de um documento para outro. Portanto, a professora constituiu uma identidade docente própria, ao repensar as referências recebidas de professores da graduação através de suas próprias prioridades e das experiências vivenciadas durante o exercício do ensino.

Em ambos os programas de curso produzidos por Mariza Miranda, de 1964 e de 1967, os conteúdos foram organizados em ordem cronológica, através de uma listagem de nomes de povos e sociedades da Antiguidade, inicialmente do Oriente Médio, depois do Extremo Oriente, e, por fim, das sociedades grega e romana. Em 1967, foram escolhidos os mesmos povos, sociedades, fatos históricos e temas da seleção de conteúdos de 1964. Porém, é possível notar grande diferença na quantidade de vezes que os termos re-



lacionados às áreas do conhecimento histórico foram citados e a proporção de citações de cada área: a política foi citada três vezes, a cultura uma vez e economia e aspectos sociais nenhuma vez.

Porém, nenhum conteúdo abordado foi excluído e nem incluído, mas apenas a forma como foram intitulados e organizados. Ao invés do padrão adotado em 1964, no qual cada citação a um povo era acompanhada de termos indicativos de que elementos da sociedade seriam abordados, no padrão de 1967 há apenas uma listagem de nomes de sociedades, intercalados por alguns fatos históricos, sem muitos detalhes. Um exemplo desta diferença foi a maneira como citou os conteúdos focados nos povos do Crescente Fértil:

1. A Mesopotâmia: Elamitas e Sumerianos - Assírio e Caldeus
2. Egito
3. Os Hititas
4. A Palestina (Ministério da Educação e Cultura, 1972.)



Provavelmente, ela ainda pretendia trabalhar temas similares, mas preferiu não explicitar isto através dos mesmos termos, para diminuir o tamanho do documento programático. Apesar desta diferença, os dois planos de curso tiveram um aspecto em comum: a primeira unidade dedicada a uma discussão mais teórica e metodológica da História Antiga. A primeira unidade do componente curricular tinha como objetivo definir conceitos centrais como “lenda”, “mito” e “Antiguidade”, e discutir a ciência auxiliar da Arqueologia. Ou seja, Mariza Miranda demonstrou pretender iniciar os estudos com a discussão mais conceitual sobre a produção historiográfica, antes de abordarem os saberes históricos em si. Pode-se dizer que Mariza Miranda entendeu que desconstruir o processo pelo qual se constrói as narrativas históricas, antes de apresentar estas narrativas aos estudantes, foi um modelo de organização de conteúdos que ela optou por adotar.

Considerações finais

A trajetória de Mariza Miranda, em diferentes aspectos, teve traços representativos de vivências compartilhadas pelos lentes, e, especialmente, pelas professoras mulheres, do Curso de História nas décadas de 1960 a 1980, como nos meios para contratação para a docência superior, no acesso ao espaço físico do Campus da UFRN, e nas circunstâncias para continuidade nos estudos de Pós-Graduação. Deste modo, suas memórias foram um registro significativo da História do Ensino Superior de História no Rio Grande do Norte. A maneira como mobilizou suas recordações através da linguagem, nas entrevistas, colaborou na produção de uma representação simbólica do espaço de ensino do Curso de História da UFRN, registrada por meios institucionais.

Já diante dos dados identificados pela investigação dos planos de curso da Cadeira de História Antiga de 1964 e de 1967, produzidos por Mariza Miranda, foi perceptível o destaque dado aos conteúdos ligados à História Política e à História Cultural, e a maior atenção dedicada aos temas do recorte temporal da Antiguidade Clássica. Com a análise comparada dos dois documentos com o programa de curso da Cadeira de História da Antiguidade e Idade Média referente ao ano de 1962, elaborado pelo professor João Wilson Melo, evidenciaram-se semelhanças de opções deste professor e de Miranda, como o privilégio da História Cultural e da História da Antiguidade Clássica, o que indicou uma relação de influência e legado entre ele e Mariza Miranda, que tinha sido sua aluna na graduação. Porém, estas similaridades estiveram mais evidentes no plano de curso mais antigo, de 1964, do que no mais recente, de 1967, ou seja, a professora aumentou sua autonomia em relação às referências recebidas do antecessor no decorrer dos anos de exercício da função docente.

Mariza Miranda configurou-se como uma intelectual norte-rio-grandense, como uma produtora e divulgadora de conhecimento histórico em suas atividades de professora de História na UFRN. O estudo de suas perspectivas ao lecionar pode apontar caminhos para a compreensão da cultura histórica no Rio Grande do Norte. Já a investigação



de sua trajetória profissional pode ser um meio para expandir a área de análise sobre História das Mulheres no mundo do trabalho e no magistério. Concluo com sinceros votos de que este artigo tenha despertado interesse de novos pesquisadores para o estudo de trajetórias de docentes do Ensino Superior, como Mariza Miranda, para preservar este patrimônio humano de um possível esquecimento.

Referências

ATA da quarta sessão extraordinária da Congregação dos Professores da Faculdade de Filosofia. Natal, 1957.

CALADO, Carmem; MELO, Veríssimo. *Síntese Cronológica da UFRN 1958/2017*. Natal: EDUFRN, 2019.

CAVALCANTI, Erinaldo. O lugar do ensino de História nas licenciaturas em História no Brasil: saberes, reflexões e desafios. *Revista História Hoje*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 247-272, 2022. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/779/455>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Currículo do sistema de Currículo Lattes - Informações sobre Cláudio Augusto Pinto Galvão*, 2023. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8050417252224336>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Currículo do sistema de Currículo Lattes - Informações sobre Wicliffe de Andrade Costa*, 2023. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8691554399565388>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. [Entrevista concedida a] Diorge Trindade, Felipe Rodrigues e Samara Dávalos. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

MARIZ, Marlene da Silva. [Entrevista concedida a] Lucas França, Rafaela Miryls e Ísis de Freitas. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

MELO, João Wilson Mendes. [Entrevista concedida a] Vital Nogueira de Souza. Natal, 2006. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. *Programa de História Antiga*. Natal, 1972. Disponível em <<http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Resolução nº 144/87 – CONSEPE, 1987b.*

MIRANDA, Mariza Moura de. [Entrevista concedida a] Fernanda Costa, Gerlane Mendes e Kamyla Monteiro. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

NOBRE, Clivya. A escrita de Tarcísio Medeiros na Revista do IHGRN: política e intelectualidade. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 21, p. 291-312, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/84767/80480>>. Acesso em: 13 set. 2023.

NOBRE, Clivya. Memória sobre os outros, memória sobre si: representações da prática docente no Curso de História da UFRN, pelo olhar da “Geração de 1976”. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, v. 11, n. 27, p. 92-111, 2022a. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1217/386697>>. Acesso em: 13 set. 2023.

NOBRE, Clivya. “*Não houvesse, no Brasil, esses autodidatas precursores*”: docentes e a produção do Ensino Superior de História no Rio Grande do Norte (1955-1991). Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

NOBRE, Clivya. Professores e Trabalhadores: memórias docentes sobre o Curso de História da FAFIN/FFCL (atual UFRN). *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, v. 7, n. 13, p. 133-151, 2022b. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/clio/article/view/5654>>. Acesso em: 13 set. 2023.

OLIVEIRA, Maria Leneide Câmara. [Entrevista concedida a] Arnaldo Pereira de Andrade Segundo, José Roberto Santhiago e Luciana Maria de Souza Jesus. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

PROGRAMA DA CADEIRA DE HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE. Natal, 1964. Disponível em <<http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ROMERO, Maria Helena N. *As contribuições do IHGB, do Colégio Pedro II e do livro didático na constituição da História como disciplina escolar no século XIX: uma revisão historiográfica*. Monografia (Especialização em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE. Faculdade de Filosofia. Cadeira de História da Antiguidade e Idade Média. *Programa para o ano letivo de 1962*. Natal, 1961. Disponível em <<http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. *DVD 50 anos de História*. Natal: 2006. 1 CD-ROM.

